

EXPORTAÇÕES

Coronavírus
provoca
incerteza na
economia

SURTO - Efeitos do novo vírus podem influenciar no ânimo dos investidores nos próximos meses

ELISA VAZ
DA REDAÇÃO

O surgimento do primeiro caso confirmado do coronavírus no Brasil e as suspeitas da doença ao redor do país, inclusive em Belém, podem afetar a economia, as relações comerciais e o mercado financeiro. Empresas que fornecem produtos e serviços para a China, por exemplo, sofrem neste primeiro semestre, pois o consumo ficou menor após a redução da atividade econômica no país asiático, com fechamento de fábricas e medo de consumir fora de casa.

No cenário paraense, ainda não é possível determinar, exatamente, como as exportações serão afetadas, considerando que o Estado é um dos maiores exportadores do país e tem a China como principal comprador. Em nota enviada à reportagem, o Centro Internacional de Negócios (CIN), da Federação das Indústrias do Pará (Fiepa), informou que “por enquanto, é cedo para avaliar os impactos do coronavírus nas exportações paraenses. O momento é de observar com cautela a evolução dos fatos e esperar que as autoridades chinesas consigam superar o quadro da epidemia e retomar o equilíbrio e crescimento”.

No entanto, segundo o economista André Cutrim, especialista em desenvolvimento econômico, o Pará ainda pode sofrer com a propagação do vírus em outras áreas, a exemplo dos setores

de serviços e comércio, fortes da economia paraense. Ele acredita que é preciso entender que as decisões econômicas tomadas por agentes do mercado, sobretudo empresários e consumidores, ocorrem em um ambiente de pura incerteza e muito risco. “Em um ambiente econômico, porém, os agentes decisórios não dispõem de nenhum mecanismo ope-

**Avanço do
coronavírus
acaba
provocando
um efeito em
cadeia mundial
e aumenta o
risco para a
economia**

racional eficiente de defesa contra a incerteza”, diz.

Logo, o especialista afirma que o avanço do coronavírus acaba provocando um efeito em cadeia mundial, visto que aumenta consideravelmente o nível de incerteza e risco nas economias afetadas. Além disso, a epidemia provoca uma diminuição significativa nos investimentos, arrefecimento natural na produção e, conseqüentemente, na geração de empregos. Como resultado, há uma projeção de lucro muito abaixo do planejado, em que qualquer expectativa de crescimento econômico depende de acontecimentos futuros.



População da China é a que mais sofre com os impactos provocados pela epidemia da doença

Commodities podem ser afetadas

O economista André Cutrim acredita que as principais commodities a terem produção ou venda alterada por conta do receio com a doença serão o minério, a soja e a carne bovina. Dados do CIN mostraram que, em 2019, esses produtos foram responsáveis por parte da alavanca no setor de exportações no Pará. Ao longo do ano, foram exportados US\$ 15,7 bilhões de minério, que é responsável por mais de 90% da balança comercial; US\$ 526,4 milhões de soja, um dos destaques nos produtos tradicionais; e US\$ 273,5 milhões de carne bovina, um dos itens não tradicionais mais vendidos. Esses números poderão sofrer impacto, segundo o economista.

GOVERNO

Apesar das dificuldades históricas, o governo do Pará tem criado alternativas para fortalecer a economia local, sobretudo com a tentativa, ainda incipiente, de verticalização da produção do setor de mineração e agropecuário, ressalta o especialista em desenvolvimento econômico. “Contudo, a migração de investimentos para outros mercados, que não

foram afetados pelo coronavírus, pode influenciar o potencial investidor a não investir no Estado, ainda mais com a desvalorização do real”, pontua.

Cutrim ainda comenta que o grau de confiança do investidor pelo mundo está comprometido, o que interfere nas ações do mercado. “As decisões de investimento dependem do ‘animal spirits’, ou seja, do instinto humano espontâneo de sobrevivência que se manifesta por meio do estado de humor – otimista ou pessimista – dos homens de negócios. Portanto, do ponto de vista econômico, o momento atual exige prudência e alerta em todos os sentidos”.

A mesma coisa vale para a pessoa física que costuma investir no mercado financeiro. No final de janeiro, a bolsa de valores teve a primeira queda por conta da incerteza e o mercado caiu mais do que o normal, pois não sabia como o vírus poderia se espalhar e impactar o mundo. Das últimas epidemias que ocorreram, como a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), Gripe do Frango, Gripe Suína, Ebola e Zika, a bolsa reagiu de maneira diferente nos países onde as doenças não tiveram foco.

Por exemplo, no caso do

SARS, entre 2002 e 2003, a epidemia foi mais forte na China e em Hong Kong, que tiveram queda na bolsa de 8,6% e 9,3%, respectivamente, no auge da contaminação. Nos Estados Unidos, que não foram o foco da doença, a queda foi maior, de 14,9%. O Ibovespa – bolsa de valores brasileira – teve retração de 7,9%. No auge da contaminação da Gripe do Frango, em 2006, os locais com foco da epidemia foram os mais prejudicados. As quedas nas bolsas foram de 13,9% nos EUA, 12,4% nos emergentes, de 11,1% no Brasil e de 3,6% na Europa.

Em 2009, a Gripe Suína também influenciou retrações no auge da epidemia. Embora o foco tenha sido na China, que teve queda de 5,1% em sua bolsa de valores, foi a do México que mais sofreu – 8,6% de queda. O Brasil registrou retração de 2%. Já em 2014, com o Ebola, o Ibovespa teve uma das maiores reduções, com -10,2%, perdendo apenas para os Estados Unidos, com -18,6%. Os locais que foram foco da doença ficaram com -4,6% (China) e -4,3% (África) no auge da contaminação. Por último, o Zika Vírus, que teve foco no Brasil, resultou em uma retração de 2,3% no Ibovespa durante o auge da doença.

China
preocupa os
mercados

De acordo com o assessor de investimentos Felipe Fernandes, sócio da Conexão BR, agente autônomo da XP Investimentos, considerando o pico das epidemias, as bolsas recuperam seus percentuais originais entre três e seis meses. Ele explica que o mercado reage aos casos mais graves de doenças porque existe uma incerteza em relação ao que pode acontecer com a economia quando há uma nova doença, como o que ocorreu na China, onde cidades foram isoladas e fábricas ficaram fechadas durante dias. “As pessoas deixam de sair de casa e consumir produtos fora, o que acaba afetando todos os setores da economia, porque, em um primeiro momento, vem o medo e a incerteza de como a doença afeta a vida das pessoas”.

Com o primeiro caso da doença confirmado no Brasil, aumenta a preocupação do vírus estar se espalhando e afetando outras economias e empresas, segundo Fernandes, e, com isso, o mercado fica incerto. “Investidores de curto prazo podem vender suas ações, mas os grandes investidores, geralmente, mantêm suas posições e até aumentam seus investimentos em momentos de queda, pois possuem uma visão de longo prazo”, destaca. O mercado de ações é o que mais sofre nesse momento, segundo ele. Portanto, ele acredita que este é o ótimo momento para investir, dependendo do perfil e objetivo do investidor. Quem possui mais tolerância a risco pode encontrar oportunidades na bolsa com ações baratas, enquanto quem não tem tolerância a risco deve buscar investimentos atrelados à taxa de juros.

LINOMARBAHIA LINOMARBAHIA@OI.COM.BR

Não ao trabalho infantil. E daí? ...

Estamos em mais um momento de exaltar a necessidade de dispensar atenção especial para as duas extremidades mais delicadas da existência humana. Nascimento e velhice, passando pela infância e juventude, constituem os tempos mais vulneráveis da vida, crianças e jovens carecendo de formação e amadurecimento, enquanto os velhos necessitam das muletas sociais e afetivas pelo tempo que lhes resta. Todavia, não tem sido essa a preocupação das classes dominantes, insensíveis a percepções pessoais e econômicas como tem sido famosa multinacional, há décadas

surfando, justamente, nas ondas das fraldas e fraldões que fabrica.

Crianças e idosos constituem uma categoria de ser humano com potencial para despertar e estimular diversas formas de atenção, como fontes e motivações específicas e exclusivas, envolvendo, entre outros, oportunidades de negócios, ações protetivas e políticas públicas adequadas. Nada, contudo, que se tenham conseguido solucionar, ao longo do tempo, os graves e recorrentes problemas que afligem essas duas extremidades do ciclo de vida, tornando iniciativas e procedimentos pontuais

em eventos isolados e efêmeros, conseqüentemente sem resultados práticos duradouros e evolutivos nos respectivos universos.

Mais uma vez neste ano, e poderia ser até a intervalos mais curtos, entidades públicas, entes privados e segmentos da sociedade civil se empenham em várias formas de manifestação, em caminhadas pelas ruas e reuniões setorizadas, objetivando chamar a atenção para o que consideram importante no combate ao trabalho infantil. Mas, e daí?... Em países de pobreza gigantesca, como o Brasil, e nos rincões abaixo da linha da pobreza, ou pouco acima,

como a Amazônia, milhares de crianças e adolescentes têm a própria sobrevivência e dos familiares inevitavelmente condicionada e dependente de algum trabalho desde a tenra idade.

Embora meritórias as campanhas e as elogiáveis motivações dos que as promovem e participam, ficam restritos ao terreno das boas intenções em um problema sem solução à vista. O realismo das dificuldades dos cerca de dois terços dos brasileiros pobres e miseráveis, sofre a indigência do básico para suprir o estômago. Pior, não há qualquer perspectiva de melhoria, pelo contrário, a despeito das “bolsas”, mais populistas e eleitoreiras do que redentora dos mais carentes, impondo que crianças e adolescentes, mesmo muitos idosos, vão à luta pela

sobrevivência nas ruas, pedindo, vendendo, meninas o próprio corpo por migalhas.

Nem sempre, contudo, o trabalho na infância e na adolescência resultam em maus exemplos, anomalia que, vale destacar, tem se mostrado muito frequente em acometer bem-nascidos e afortunados, entre os quais notórios responsáveis pelo drama da fome e da miséria nacionais. Quem buscar as origens familiares e sociais de muitos ocupantes de altos cargos na vida pública e no setor privado, em todos os níveis profissionais no país e aqui mesmo, vai encontrar centenas de cidadãos vindos lá de baixo, calejando as mãos e arqueando a coluna para ganhar uns trocados, enquanto em casa dividia o pouco, na meia ou única refeição do dia.

Apesar de todos os pesares, são válidas todas as formas de dizer “não” ao trabalho infantil, embora falte à nobreza do ato o suficiente para proporcionar outra forma de sobrevivência, aos que têm como única saída, mobilizar todos quantos as famílias possam buscar o que comer. Enquanto alguns insistem em jogar bilhões de reais no saco sem fundo das vidas políticas de resultados, pai, mãe e filhos terão que continuar recorrendo, inclusive ao lixo, para saciar a fome. Quem sabe, em algum momento, crianças e adolescentes brasileiros poderão viver longe do trabalho precoce, não sendo mais necessárias campanhas como essa.

Linomar Bahia é jornalista e escritor.